

Evo Fernandes deixa Renamo sem dinheiro

Expr.
10/6
53

A AUSÊNCIA de representantes da facção da Renamo, baseada nos Estados Unidos e no Canadá, no funeral de Evo Fernandes, realizado em fins do mês passado, de Lisboa para o cemitério de Cascais, «ficou a dever-se exclusivamente a falta de dinheiro para as viagens» — disse, esta semana, ao EXPRESSO o secretário do Departamento de Informação dos rebeldes, Francisco Nota, que é também membro do Conselho Nacional da organização desde 1986, actualmente a residir na cidade canadiana de Victória. Solicitado a comentar suspeitas divulgadas em Maputo de que o rapto e assassinio do antigo secretário-geral poderiam estar relacionados com interesses do «ramo americano» da Renamo (liderado por Luís Serapião) — e que, por isso, ninguém dessa facção teria estado presente na última homenagem a Fernandes — Francisco Nota negou qualquer legitimidade a uma tal leitura dos acontecimentos.

Recorda-se que o funeral teve a presença de Artur Janeiro da Fonseca, secretário das Relações Externas da Renamo (que reside em Colónia, na RFA) e do representante na Europa, Manuel Frank, que vive em Lisboa, não tendo sido detectada qualquer outra figura «oficial» do movimento.

Informações recolhidas esta semana pelo EXPRESSO em Lisboa referem que as autoridades portu-

guesas têm tido tempo para consolidar as suas suspeitas em torno de outras figuras ligadas ao rapto e, depois, ao assassinio de Fernandes (entre 17 e 21 de Abril últimos), mantendo toda a vigilância sobre algumas pistas e usando também da maior discrição — atitude que, segundo as nossas fontes, será persistentemente mantida até à chegada a Lisboa dos suspeitos que se encontram em Marrocos e em França, e que são Francisco Xavier Chagas, Joaquim Conceição Messias e Jorge Pinto da Costa, detidos naqueles países graças a um alerta da Interpol nos últimos dias de Abril.

Entre os investigadores existe a convicção de que o desenrolar dos acontecimentos depois da saída de Evo Fernandes do restaurante Beira-Mar, de Cascais — onde jantou com Chagas na noite de 17 de Abril — envolve outros personagens interessados na eliminação física da vítima, entretanto sujeita a um regime de isolamento que ainda não pôde ser perfeitamente definido.

Menor empenho de Pretória

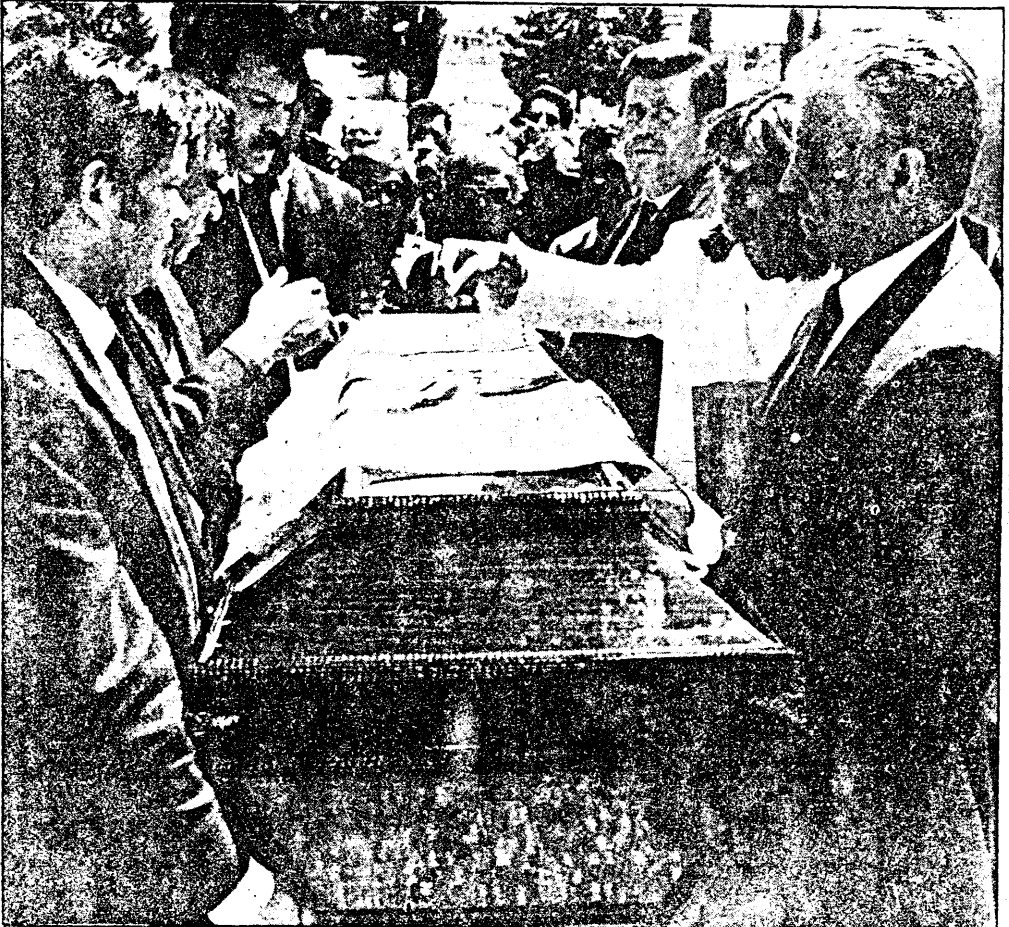
As insistentes conversações internacionais sobre o futuro da África Austral — contemplando nesta fase apenas o caso de Angola, mas tendo em perspectiva o problema de

Moçambique — e os apoios ocidentais que este país está a receber, têm condicionado o comportamento da Renamo, que tem contado com um apoio logístico cada vez menos empenhado da parte de Pretória, a quem sobretudo os Estados Unidos e a RFA têm pressionado no sentido de viabilizar uma plataforma de entendimento com Maputo.

Sentindo-se progressivamente isolada, a África do Sul poderá estar a desempenhar um papel delicado perante os rebeldes moçambicanos, explorando as suas fragilidades internas ou fomentando mesmo dissenções fatais, sobretudo no aspecto militar — de que já existem abundantes indícios, o mais significativo dos quais, poderá ser o do «comandante» Jimo, da Zambézia, cuja acção parece estar a escapar à autoridade do «presidente» Afonso Dhlakama.

Uma fonte bem colocada disse ao EXPRESSO que não seria de estranhar que, de um momento para o outro, o próprio Dhlakama aparecesse morto, mesmo dentro de Moçambique — bastando, para tal, que nisso surgisse o menor interesse, o que daria então sentido ainda mais dramático à expressão com que o tratam os seus detractores: «a south african puppet», isto é, um fantoche da África do Sul.

Confrontada, no plano político, com dificuldades crescentes, vendo



Funeral de Evo Fernandes em Cascais: dirigentes não vieram da América do Norte por falta de dinheiro

diminuir os apoios de alguns países ocidentais — à medida que o regime de Maputo desliza para comportamentos que não ferem as sensibilida-

des capitalistas —, deixa de fazer sentido a Renamo funcionar como desestabilizadora (como sempre o quis a África do Sul), pois tal papel

já não mereceria o interesse de terceiros.

J. Henriques Coimbra